

Padre Alexandre de Gusmão e o Seminário de Belém. O Ensino das “Letras” e “Honestos Costumes” na América Portuguesa (séculos XVII-XVIII)

Lais Viena de Souza¹

Resumo: No ano de 1686, o educador e intelectual, padre Alexandre de Gusmão S. J. (1629-1724) iniciou no Recôncavo baiano a fundação do Seminário de Belém. Com o objetivo principal de formar “bons cristãos”, nos “santos e honestos costumes”, destinava-se este internato secundário a meninos do “sertão” e “partes desamparadas da doutrina cristã” da América Portuguesa. Segundo relatos de cronistas e literatos, o Seminário de Belém contava com uma boa estrutura física, e a Igreja de Nossa Senhora de Belém era famosa pela devoção local, e foi descrita como muito bem ornada. Nesta comunicação, busco discutir o Seminário de Belém enquanto instituição religiosa de ensino, apresentando suas normas e práticas pedagógicas, visando assim contribuir para os estudos históricos da infância e da educação no período colonial brasileiro.

Palavras-chave: Educação infantil/ Catolicismo/ Brasil Colonial

Abstract: In 1696, the preceptor and intellectual, priest Alexandre de Gusmão S. J. (1629-1724) initiated the construction to “Seminário de Belém”. This center to secondary studies preoccupied to mould “good Christians” according to the modern Catholics ideas, and was destined to instruction boys from “sertão”, areas distant from colonial cities. Chronicler and writers related the “Seminário de Belém” structures like to organized, and the church “Nossa Senhora de Belém” was very famous cause the fame with local devotion and decor. This study aims to analyze the “Seminário de Belém” like a religious institute, with rules and pedagogic practices, to this way contribute to history’s studies about infancy and education in the age of Colonial Brazilians’.

Keywords: Childish Education/ Catholicism/ Colonial Brazil

Em “Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebrom”, o padre Alexandre de Gusmão contou que, sob “patrocínio, & providencia” de Nossa Senhora de Belém, logrou fundar “na era de 1686” um Seminário para os meninos “do certaõ, & partes remotas, & desamparados da doutrina, & criação” (GUSMÃO, 1715: 362 e 364). Nesta obra, em que o jesuíta percorreu sobre “os singulares favores, com que a soberana Virgem Mãe de Deos honrou, & regalou a seus mais amados filhos da Companhia de JESU”, destacou um dos principais ministérios dos inacianos, a “creação dos meninos” (GUSMÃO, 1715: 356). No empenho do ensino catequético e/ou em seus colégios e universidades, a Companhia de Jesus buscava levar “o conhecimento e amor do Criador e Redentor” (FRANÇA, 1952: 119). Segundo padre Gusmão, os Seminários rendiam muitos frutos na tarefa de propagação da Fé Católica, e como

¹ Mestranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação de História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

exemplo narrou a experiência do “Seminário de Belém do Brasil”, que em princípios do século XVIII estava sob sua administração (GUSMÃO, 1715: 362).

Naqueles anos, e já com adiantada idade, o padre lusitano Alexandre de Gusmão (*1629 †1724) figurava com proeminência na Companhia de Jesus no Estado do Brasil. Foi provincial (1684 a 1688 e de 1694 a 1697), vice-provincial (1693 a 1694), mestre de noviços, reitor dos Colégios de Santos, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia, e também foi professor de Filosofia, Teologia e Moral (LEITE, 1945, TOMO VII: 291; MACHADO, 141-1749: 95). Destacou-se como “insigne Orador”, “mestre jubilado”, “escritor doutíssimo” (PEREIRA, 1939:78). Escreveu obras apologéticas, ascéticas e morais como, “Escola de Bethlem Jesus Nascido no prezepio” (1678), “História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito” (1682), a já citada “Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebrum” (1715), e “Eleyçam Entre o bem & o mal eterno” (1720). Destaque para o tratado de educação infantil, “Arte de crear bem os Filhos na idade da Puerícia” (1685), em que, numa perspectiva moral e religiosa, o jesuíta buscou discutir as obrigações de pais e mestres, e os principais cuidados físicos, afetivos e espirituais com a criança, desde o nascimento à juventude.

Este artigo/ comunicação apresenta uma discussão sobre a experiência do Seminário de Belém (1686-1759) enquanto projeto de educação formal e religiosa infanto-juvenil no mundo luso-brasileiro. O Regulamento do Seminário (1694 e 1696) concentra pontos fundamentais para entender esta instituição jesuítica. Constituindo deste modo, importante fonte para um estudo sobre educação e infância na América Portuguesa em fins do século XVII e meados do século XVIII. No primeiro parágrafo do Regulamento estava posto que o objetivo do Seminário fosse “criar os meninos em santos e honestos costumes, principalmente no temor de Deus, e inclinação às coisas espirituais, afim de saírem ao diante bons cristãos.” E, para “além disto”, “hão-se aprender a ler, escrever, contar, gramática e Humanidades”. (In. LEITE, V, 1945: 180).

Estava assim posta uma fórmula cara à pedagogia jesuítica: *scientia et mores, virtus et litterae*, o ensino das ciências e das Letras com proveito da Fé (HANSEN, 2002: 75). Philippe Ariès identificou no século XVII, concomitante à pré-dica de cristianização da sociedade, o processo moderno de escolarização da infância (ARIÈS, 1978: 164). Através do *Ratio Studiorum* (1599), código universal da pedagogia jesuítica, percebe-se que a intenção declarada era de ensinar com as “letras”, “os costume dignos de um cristão”, e assim “moldar a alma plástica da juventude no serviço e amor de Deus” (FRANÇA, 1952: 181). Na “arte de instruir” os infantes, escrevia o celebre Erasmo de Roterdã (*1469 †1536), o principal constituía em fazer “com que o espírito ainda tenro receba as sementes da piedade”, e assim

ensinar a ter amor pelas belas artes, cumprir os “deveres da vida” e por fim, habituá-los “com as regras da civilidade” (ERASMO, 2005: 123).

O Seminário de Belém dedicava-se ao ensino correspondente às “Classes Inferiores”, ou seja, Gramática (latina), Retórica e Humanidades (FRANÇA, 1952: 192-214). Consta no Regimento do Seminário, além destas três matérias, o ensino de Solfa, que deveria ser ministrada por um secular diariamente após a lição vespertina. No inventário de bens do Seminário de 1759, foi listado um órgão “muito velho e seu banquinho” e um cravo “velho e sem cordas”, que deviam ser usados na liturgia aos Sábados acompanhando a Ladainha e, provavelmente nas aulas de Música (AHU, 4894). O Seminário, portanto distinguia-se dos colégios, por seu caráter de internato, distinto também das faculdades e Noviciados pela sua exclusividade no ensino infanto-juvenil. Os alunos ingressavam com no máximo treze anos, concluindo seus estudos entre cinco ou seis anos (In. LEITE, V, 1945: 183 e 187).

Para admissão dos alunos, deveriam ser levantadas informações “acerca dos costumes, e da pureza do sangue”, proibindo-se os que tinham “mácula de sangue judeu”, e até o 3º grau dos que tinham “alguma mistura de sangue da terra, a saber, de índio ou de negros mulatos ou mestiços”. Exigência afrouxada no próprio Regulamento, pois não era necessária a “exacção, que se costuma quando se trata de admitir alguém na Companhia”. No décimo parágrafo estava posto que não fossem admitidos os naturais ou estudantes da Cidade da Bahia (In. LEITE, V, 1945: 182). Padre Gusmão declarou sua preocupação com a instrução de meninos pobres, e também das partes afastadas dos centros urbanos coloniais (GUSMÃO, 1715: 362).

Sobre as origens sociais dos estudantes, vale destacar uma carta do governador Antonio Luis Gonsalves da Câmara Coutinho (Bahia, 9 de julho de 1692) em resposta a D. Pedro II (Lisboa, 4 de março de 1692), que pedia que o informasse sobre a pertinência de envio de esmolas reais ao Seminário, anteriormente solicitadas pelo padre Gusmão. O governador afirmou ao rei que, para além da Fazenda real estar em dívidas, os estudantes eram “filhos de homens ricos”, que ajudavam a sustentar o Seminário com “algumas esmolas” (APB, Ordens Régias, doc. 68; BN, 1936: 70-72). Estas “esmolas” a que o governador referiu, talvez fossem os 30\$000 réis pagos anualmente em espécie ou em gêneros, como açúcar e farinha, pelas famílias dos estudantes (In. LEITE, V, 1945: 181).

Por volta de 1730, o historiador Sebastião da Rocha Pitta informou que o Seminário crescia em “fervor de doutrina e concurso dos Seminaristas”, e “de todas as partes do Brasil lhe enviavam muitas pessoas principais filhos e parentes” (PITTA, 1950: 278). Segundo padre Gusmão, até 1710 havia passado pelo Seminário mais de quinhentos

estudantes, tendo muitos destes saído “para varias Religiões, & estado Sacerdotal” (GUSMÃO, 1715: 364). São destacáveis alguns ilustres estudantes, como Bartolomeu Lourenço “de Gusmão” (*1685 ou 1686 † 1724), famoso por seus experimentos com um precursor do aeróstato, seu irmão Alexandre de Gusmão (*1695 † 1753), diplomata da corte de D. João V, e o “primeiro Santo brasileiro”, Frei Galvão (*1739 † 1822).

O Seminário de Belém foi erigido às margens do rio Pitanga e a 230 metros acima do nível do mar, distante uma légua da Cidade de Cachoeira (SOUZA, 1975: 63-65). O terreno, provavelmente doado pela poderosa família Aragão, compreendia além do prédio físico do Seminário, uma fazenda anexa de duas léguas que servia para seu abastecimento, com uma horta, alguns tanques de água e um criatório de peixes (LEITE, V, 1945: 176). As pedras iniciais foram lançadas em 13 de abril de 1687, e neste mesmo ano enviou padre Gusmão a planta do Seminário (Imagem I) para o Padre Geral da Companhia em Roma (MACHADO, 1759: 96; LEITE, V, 1945: 190 e 192). Do Seminário, apenas testemunha hoje a Igreja de Nossa Senhora de Belém (ver Imagem II).

Levando em consideração a proporção da planta em relação à Igreja de Belém, percebe-se que o Seminário contava com uma estrutura bem ampla. No Inventário de Bens (1759) foi descrita, além da Igreja e da Sacristia, a Portaria, uma casa de Hóspedes, vários cubículos para os estudantes, duas salas de aula, uma despensa reservada, e a capela das Congregações. Na parte ao norte, havia outros cubículos para os padres assistentes, a “Casa da Livraria”, e em outro corredor na parte de baixo, “huma despensa, cozinhas e refeitório, e na parede fronteira dous esguechos de Lavar as mãos”. Informou ainda, sobre a existência de um cemitério, que em 1759 não estava concluído (AHU, 4894). Padre Gusmão afirmou que as acomodações eram suficientes para abrigar cerca de duzentos meninos (GUSMÃO, 1715: 362).

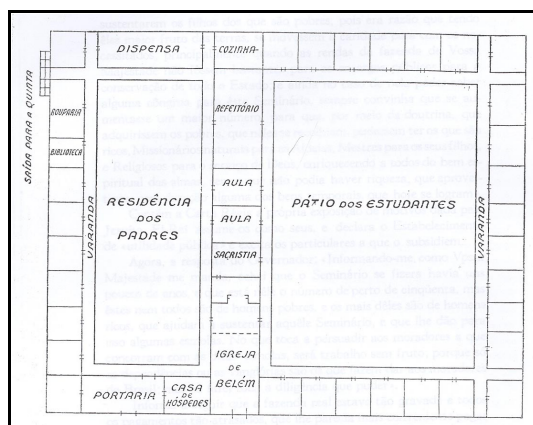


Imagem I – Cópia da Planta do Seminário de Belém. 4 de junho de 1687. (LEITE, V, 1945: 166)

Na opinião do padre Gusmão, excetuando a igreja do Colégio da Bahia, era a Igreja de Nossa Senhora de Belém “a mayor, & mais fermosa do Brasil” e sua Sacristia “a mais linda, & de ricas pessas, que o Brasil tem.” (GUSMÃO, 1715: 362). O “peregrino” de Nuno Marques Pereira admirou-se em Belém do “primor, e arte, com que está feito aquelle sagrado Templo”, e “em tal proporção toda a igreja, que em nada se lhe póde pôr tacha; mas antes tem muito que se engrandecer, e louvar” (PEREIRA, 1939: 76). As torres da Igreja (a esquerda ruiu antes de 1759) foram ornadas com louça chinesa, testemunho do fluxo comercial/ marítimo do império português entre os séculos XVI-XVII. O forro da Sacristia era decorado ao estilo oriental com pequenas guirlandas de flores de vários matizes pintadas possivelmente pelo missionário francês Padre Carlos Belleville S. J. (*1657 †1730) (LEITE, 1953:129).

A Igreja de Nossa Senhora de Belém foi notabilizada pela “grande devoção” e “muytas romagens”. Frei Agostinho de Santa Maria narrou em seu “Santuário Mariano” (1722) sobre a “milagrosa imagem de Nossa Senhora de Belém, que se venera no Seminário da Companhia na Cachoeira”. A Imagem feita de madeira tinha estatura “de huma perfeytissima mulher (...) de joelhos com as mãos levantadas, & os olhos postos no Santíssimo Filho Menino, que está reclinado em hum berço” (SANTA MARIA, 1722: 225). Representando a Natividade do Senhor, as imagens de Maria, José e Jesus no presépio ocupavam o lugar central do altar da Igreja (AHU, 4984). Na opinião do padre Gusmão, era a imagem de Nossa Senhora de Belém “das mais fermosas, & veneráveis, que se tem visto, [e] foy tirada pela da Madre de Deos em Lisboa, que fizeraõ os Anjos” (GUSMÃO, 1715, 365).



Imagem II – Igreja de Nossa Senhora de Belém. Povoado de Belém, Cachoeira – BA. Autoria de Fabrício Lyrio dos Santos, 2006.

Padre Alexandre de Gusmão contou casos de pessoas da vizinhança e do “sertão” que buscavam no Seminário, o socorro “para bem de suas almas, & para implorarem da Senhora o remédio de suas necessidades”. Um quadro de Nossa Senhora de Belém, segundo o padre Gusmão, era muito requisitado pela “boa hora” que dava às parturientes, curando milagrosamente uma mulher que padecia com um feto morto em seu ventre, e outra que estava doida e ficou sã. O azeite da lâmpada de Nossa Senhora de Belém, contou o padre, havia sarado uma mulher de “bexigas”, e à sua Imagem na Igreja acorriam endemoniados. Frei Agostinho repetiu uma história contada pelo padre Gusmão, de um menino que ressuscitou do caixão pela invocação a Nossa Senhora de Belém (GUSMÃO, 1715: 365 e 366; SANTA MARIA, 1722: 226). Entusiasmado, concluía então o padre Gusmão que,

se a santíssima Virgem cõtinar suas maravilhas nessa sua Imagem, como costuma em outras muytas, sem duvida será a Igreja de Belém hum Santuário de muyta devoção, como já começa a ser, assim pelos muytos devotos, que acodem a esta Senhora em suas necessidades, como pelos que levados da curiosidade, vem a ver o aceyo de seu Altar, & curiosidade e sua Igreja (GUSMÃO, 1715: 368)

Padre Gusmão, tratando da devoção à “Rainha dos Céus” na Companhia, contou que no Seminário de Belém “todos os dias os que nelle são criados no amor, & devoção da Virgem santíssima, depois de haver saudado a Senhora, costumão saudar a seu Santo Esposo, & Sãtos Pays” (GUSMÃO, 1715: 264). Em cada lado do altar-mor da Igreja estavam as imagens de Santa Anna e São Joaquim, que tinham seis palmos (cerca de 1,32 m) e roupas “estufadas de ouro” (AHU, 4894). “Criados conforme ao espírito de Christo”, os estudantes viviam segundo o padre Gusmão, “em clausura ao som de campainha, com summa obediência, & sugeyçãõ aos Mestres” (GUSMÃO, 1715: 362). Segundo a “Ordem que se deve guardar no Seminário de Belém”, os meninos iniciavam seu dia na Igreja de Belém, realizando as preces matutinas e assistindo a Missa. Depois da ceia, ouviriam a lição espiritual e imperativamente “visitarão o Senhor e a Senhora na Igreja, aonde farão brevemente exame de consciência, rezarão as preces noturnas e se irão deitar” (IN. LEITE, V, 1945: 188).

Educados na “devoção da Senhora” e “temor de Deus”, os meninos todos os dias faziam exercícios espirituais para assim lhes intimar “pureza da alma, & mais bons costumes”. Aos Domingos aprendiam a Doutrina, e em “todas as festas de Christo, & da Senhora” comungavam (GUSMÃO, 1715: 362 e 363). No inventário (1759) foram listadas várias flores de papel “uzadas, e sem valor” pertencente aos “trastes” da Congregação do Menino Jesus. Estas flores simbolizavam os “actos de virtudes, & mortificações” que eram registradas e ofertadas á Virgem pelos estudantes (GUSMÃO, 1715: 363). As Congregações eram grupos diários de estudo em que “os que dezejavam ajuntar com as letras a devaçam, se

ajuntavam em hua das classes, onde faziam oraçam por algum tempo diante da Imagem da Virgem, & liam meya hora de liçam espiritual” (GUSMÃO, 1685: 287). O intuito era formar crianças virtuosas, “bons cristãos”, que tivessem domínio de suas paixões e imitassem a Cristo, através da oração, meditação e ascetes (RAPP, 1973: 193). Aos que desobedecessem, ou causassem “escândalo grave em matéria de castidade”, o Regulamento determinava a expulsão (IN. LEITE, V, 1945: 183).

Na organização e cotidiano do Seminário de Belém, entrevistos em seu Regulamento, percebem-se a idéia premente de “criar os meninos em santos e honestos costumes”. O aprendizado das “Letras”, a Gramática, as Humanidades, a Retórica e a Solfa se fazia em meio a um cenário de religiosidade. Os meninos freqüentavam diariamente a Igreja, que era famosa pelos seus “milagres” e romarias no Recôncavo baiano. O Seminário de Belém refletia deste modo, a proposta fundamental da pedagogia jesuítica, ao buscar incutir as “práticas da virtude” da Fé Católica e ensinar as “Letras” aos filhos das “melhores” famílias da América Portuguesa de fins do século XVII a meados do século XVIII.

Referências

- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Trad. Dora Flaskman. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- BOTO, Carlota. *O desencantamento da criança: entre a Renascença e o Século das Luzes*. In. FREITAS, Marcos e KUHLMANN JR., Moysés (orgs.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002. pp. 11-60.
- Carta ordenando ao governador do Brasil que informe quanto ao estado em que se acha o Seminário fundado pelo Padre Alexandre de Gusmão, da Companhia de Jesus, no sítio da Cachoeira, para educação de moços pobres, dizendo se pagas as consignações e aplicações da Fazenda, pode caber algum côngrua para o mesmo Seminário (4/03/1692)*. **Arquivo Público da Bahia. Ordens Régias**. Documento 68. Livro 02. Rolo 01.
- Carta para sua Majestade sobre se pedir uma côngrua para os filhos dos moradores que estudam no Seminário (Bahia, 9/07/1692)*. **Documentos Históricos da Biblioteca Nacional**. Volume XXIV. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1936. pp. 70-72.
- ERASMO. **De Pueris e Civildade Pueril**. Tradução, Introdução e Notas de Luiz Feracine. São Paulo: Editora Escala, 2005.
- FRANCA, Leonel S. J. **O método pedagógico dos Jesuítas**. O Ratio Studiorum. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1952.
- GUSMÃO, Alexandre de. **Arte de crear bem os Filhos na idade da Puerícia**. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1685.
- GUSMÃO, Alexandre de. **Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron**. Lisboa, Officina Real Deslandesiana, 1715.

- HANSEN, João Adolfo. *Educando príncipes no espelho*. In. FREITAS, Marcos e KUHLMANN JR., Moysés (orgs.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002. pp. 61-97.
- Instrumento do Inventário dos ornamentos, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bethlem, que foi dos Religiosos da Companhia denominada de Jesus. (1759 e 1760)*. **Arquivo Ultramarino. Projeto Resgate. Fundo Castro de Almeida**. Bahia. Caixa 26. Documento 4894.
- LEITE, Serafim. **Artes e Ofícios dos jesuítas no Brasil (1549-1760)**. Lisboa: Edições Brotéria; Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953.
- LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Tomos V, e VII. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; Lisboa: Livraria Portugália, 1945.
- MACHADO, Diogo Barbosa. **Bibliotheca Lusitana**. Lisboa, Officina de Ignacio Rodrigues, 1741-1759. pp. 95 e 96.
- Ordens para o seminário de Belém conforme ao que mandou Nosso reverendo Padre em uma sua de 28 de janeiro de 1696, e em outra antecedente de 16 de janeiro de 1694 ao Padre Provincial (Gésu, Colleg, 15)* In. LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. TOMO V da Bahia ao Nordeste. Século XVII-XVIII Cap. VII Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Lisboa: Livraria Portugália, 1945. pp. 180-189
- PEREIRA, Nuno Marques. **Compêndio narrativo do Peregrino da América**. 6º edição. Vol. I Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira, 1939.
- PITTA, S. Rocha. **História da América Portuguesa**. Coleção de Estudos brasileiros. Série Marajoara. Vol. 7. 3ª ed. Salvador: Livraria Progresso Edelorar Águia e Souza LTDA, 1950.
- RAPP, Francis. **La Iglesia y la vida religiosa em Occident a finis de la Edad Media**. Nueva Clio. Barcelona: Editorial Labor, 1973.
- SANTA MARIA, Frei Agostinho de. **Santuário mariano e Histórias das Imagens milagrosas de Nossa Senhora**. Tomo IX. Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Gabram, 1722.
- SOUZA, Antônio Loureiro. *Belém da Cachoeira*. In. **Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia**. nº 85. Salvador, 1972-1975. pp. 63-77.